PROCESSOS DIALÓGICOS NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS INTERCULTURAIS E INTERGERACIONAIS NO ENSINO SUPERIOR

DIALOGIC PROCESSES IN THE PRODUCTION OF INTERCULTURAL AND INTERGENERATIONAL NARRATIVES IN HIGHER EDUCATION[1]

PROCESOS DIALÓGICOS EN LA PRODUCCIÓN DE NARRATIVAS INTERCULTURALES E INTERGENERACIONALES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Ana Paula Viana Caetano[2]
Sílvia Dwyer[3]
Cátia Santos[4]

RESUMO
Apresenta-se um estudo sobre educação intercultural em contexto do ensino superior, descrevendo e problematizando as experiências dos participantes na produção de narrativas que exploram processos intergeracionais e de estranhamento cultural. Segue uma metodologia de autoestudo, pois as autoras são também participantes dos processos que pesquisam, procurando não apenas compreendê-los, mas também contribuir para a sua transformação. Ao longo de um semestre foram registrando suas reflexões: os estudantes na forma de portfólios individuais, a docente na forma de um diário de investigação. Procedeu-se à análise de conteúdo desses registros, triangulando-os para discutir a relevância dos processos narrativos no desenvolvimento da interculturalidade. Da análise emergem confluências entre os participantes acerca do papel das dimensões relacionais, práxicas, artísticas-técnicas. As primeiras integram relações dialógicas e colaborativas entre instituições, mas sobretudo processos intergeracionais e interculturais. Das dimensões práxicas destaca-se a autoreflexividade e a vivência da teoria pela própria metodologia, bem como a reflexão e debate sobre questões mais específicas associadas a diferenças culturais, à discriminação de gênero, interculturalidade crítica, relação com a ancestralidade e interdisciplinaridade. No que respeita às dimensões de criação com componentes artísticos e técnicos, surgem referências à utilização de fotos, criação de poemas e textos, elaboração de *storytelling* digitais visuais, bem como às aprendizagens daí decorrentes.
PALAVRAS-CHAVE: educação intercultural; processos dialógicos; narrativas; intergeracionalidade; autoestudo colaborativo.

ABSTRACT
A study on intercultural education in the context of higher education is presented, describing and problematizing the experiences of participants in the production of narratives that explore intergenerational processes and cultural estrangement. It follows a self-study methodology, as the authors are also participants in the processes they research, seeking not only to understand them, but also to contribute to their transformation. Over the course of a semester, they recorded their reflections: the students in the form of individual portfolios, the teacher

[1] *Este trabalho é financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito da UIDEF – Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação. Ref. UIDB/04107/2020.*

[2] Professora Associada do Instituto de Educação, Universidade de Lisboa. Investigadora Integrada da UIDEF - Unidade de Investigação e Desenvolvimento Educação e Formação na área de Currículo, Formação de Professores e Tecnologia. Doutora em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. E-mail: apcaetano@ie.ulisboa.pt.

[3] Psicóloga em contextos de expatriação e Linguas de Herança , mestranda em Educação e Formação, especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e co-fundadora do Instituto Luso Brasileiro de Desenvolvimento Sociocultural - Paineira. E-mail: sdwyer@edu.ulisboa.pt.

[4] Técnica Superior na Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal, mestranda em Educação e Formação, na especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e co-fundadora do Instituto Luso Brasileiro de Desenvolvimento Sociocultural - Paineira. E-mail: santos-catia@edu.ulisboa.pt.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

in the form of a research diary. A content analysis of these records was carried out, triangulating them to discuss the relevance of narrative processes in the development of interculturality. From the analysis, confluences emerge between participants regarding the role of relational, praxis and artistic-technical dimensions. The first integrate dialogic and collaborative relationships between institutions, but above all intergenerational and intercultural processes. Of the practical dimensions, self-reflexivity and the experience of theory through its own methodology stand out, as well as reflection and debate of more specific issues associated with cultural differences, gender discrimination, critical interculturality, relationship with ancestry and interdisciplinarity. With regard to the dimensions of creation with artistic and technical components, references appear to the use of photos, creation of poems and texts, creation of visual digital storytelling, as well as the resulting learning.
KEYWORDS: intercultural education; dialogical processes; storytelling, intergenerationality, collaborative self-study.

RESUMEN
Se presenta un estudio sobre la educación intercultural en el contexto de la educación superior, describiendo y problematizando las experiencias de los participantes en la producción de narrativas que exploran procesos intergeneracionales y de extrañamiento cultural. Sigue una metodología de autoestudio, ya que los autores también son partícipes de los procesos que investigan, buscando no sólo comprenderlos, sino también contribuir a su transformación. A lo largo de un semestre, registraron sus reflexiones: los estudiantes en forma de portafolios individuales, el profesor en forma de diario de investigación. Se realizó un análisis de contenido de estos registros, triangulando los mismos para discutir la relevancia de los procesos narrativos en el desarrollo de la interculturalidad. Del análisis surgen confluencias entre los participantes respecto del papel de las dimensiones relacional, da práxis y artística-técnica. Las primeras integran relaciones dialógicas y colaborativas entre instituciones, pero sobre todo procesos intergeneracionales e interculturales. De las dimensiones prácticas destacan la autorreflexividad y la vivencia de la teoría a través de su propia metodología, así como reflectión y debate de cuestiones más específicas asociadas a las diferencias culturales, la discriminación de género, la interculturalidad crítica, la relación con la ascendencia y la interdisciplinariedad. En cuanto a las dimensiones de la creación con componentes artísticos y técnicos, aparecen referencias al uso de fotografías, creación de poemas y textos, creación de narraciones visuales digitales, así como al aprendizaje resultante.
PALABRAS CLAVE: educación intercultural; procesos dialógicos; narrativas; intergeneracionalidad; autoestudio colaborativo.

INTRODUÇÃO – UMA ABORDAGEM NARRATIVA NO ENSINO SUPERIOR

> Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (Larrosa, 2002, p. 27).

Assumimos, numa abordagem narrativa, o valor da experiência na construção e configuração da realidade e do conhecimento, e dos processos dialógicos reflexivos na ampliação e aprofundamento desse conhecimento, trazendo essa abordagem para uma pedagogia que se pretende, também ela, aberta à experiência, ao diálogo e à reflexão crítica. A experiência, que se pretende intercultural, ocorre em contexto pedagógico e sobre ela escrevem-se narrativas e tecem-se reflexões que a transformam em aprendizagem. A experiência é convocada pela partilha de narrativas sobre situações vividas e seu

Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

aprofundamento, tornando conscientes dimensões até aí desconhecidas, problematizando-as à luz de outros olhares – os dos outros que as escutam e interrogam, os dos textos que abrem novos ângulos com os quais ler o vivido. A experiência é um lugar interno e partilhado de criação, de co-criação, da qual resultam produtos visíveis e invisíveis, sendo o mais importante o processo vivido. Trata-se de um processo criativo, que se mostra o processo enquanto acontece, pois "La narrativa no solo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad" (Bolívar; Domingo, 2006, p. 98). Na abordagem narrativa o eu que se forma, forma-se num diálogo consigo e com os outros, como bem enfatizam Bolívar e Domingo (2016):

> Un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialéctico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento (Bolívar; Domingo, 2006, p. 23).

Na esteira de Larrosa (2002; 2004) e também de Bolívar e Domingo (2006), este trabalho situa-se na interseção de epistemologias fundamentadas na experiência e na narrativa, inserindo esses conceitos no contexto pedagógico contemporâneo. Tais perspectivas nos levam a reconsiderar a forma como o conhecimento é construído, interpretado e compartilhado, não apenas no âmbito individual, mas também no coletivo e social. O presente estudo vai além do estabelecimento dessas bases teóricas, buscando examinar como a interação narrativa e a reflexão crítica se manifestam na pedagogia voltada para a interculturalidade.

A abordagem narrativa não apenas reivindica a centralidade da experiência e do diálogo como constituintes do conhecimento, mas também nos provoca a questionar a estrutura e as práticas vigentes no ambiente educacional. Ela nos impele a desmantelar hierarquias epistemológicas, permitindo que o vivido, o refletido e o narrado detenham um valor epistêmico comparável às formas mais tradicionais de saber. Assim, a narrativa torna-se um ato radical de mediação e transformação, refazendo fronteiras entre o pessoal e o acadêmico, o subjetivo e o objetivo.

As implicações pedagógicas desse enquadramento são vastas. Uma pedagogia calcada na experiência e no diálogo incentiva a participação ativa, o respeito à pluralidade e a integração de múltiplas perspectivas, especialmente em contextos interculturais onde as

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

diferenças culturais podem tanto enriquecer quanto desafiar o processo educacional. Esta pesquisa, portanto, procura contribuir para o campo da educação ao investigar as complexidades e potencialidades de um processo pedagógico que abraça a narrativa e a experiência como pilares fundamentais.

O eu não é um ente estático ou isolado, mas uma entidade em constante transformação, moldada e remoldada pelas interações e narrativas partilhadas com os outros. A identidade do eu é uma tapeçaria tecida de histórias pessoais e coletivas, que não apenas refletem a realidade vivida, mas também a constroem e reconstroem. Em contextos pedagógicos, este entendimento torna-se fundamental, pois enfatiza a necessidade de espaços dialógicos onde os alunos possam compartilhar, refletir e co-construir conhecimento a partir de suas experiências. O poder da narrativa, portanto, não reside apenas na capacidade de contar, mas também na capacidade de ouvir, reinterpretar e ressignificar.

A convergência entre a experiência e a narrativa, torna-se, assim, um terreno fértil para a construção do conhecimento, enfatizando a importância do contexto pedagógico como um espaço onde a experiência individual e coletiva é valorizada, compartilhada e transformada. Esse processo de transformação não se dá de forma linear ou pré-determinada, mas sim através de um constante diálogo reflexivo, onde diferentes perspectivas e vozes são convocadas para tecer um entendimento mais profundo e crítico da realidade. Esta abordagem narrativa e experiencial é ancorada em um diálogo crítico, na esteira de Freire (1967) e sua pedagogia dialógica,

> Somente um método ativo, dialogal, participante, poderia fazê-lo. E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (p. 107).

Estas abordagens têm o potencial de fomentar uma educação mais inclusiva e intercultural. Consequentemente, as estratégias apresentadas no artigo — como os espaços de diálogo para aprofundamento de experiência de estranhamento cultural, a formação de equipes intergeracionais na criação de narrativas digitais sob a forma de storytelling e a integração curricular desses temas — podem ser significativamente aprimoradas quando alinhadas com uma pedagogia aberta à experiência, ao diálogo e à reflexão crítica para promover a interculturalidade e a intergeracionalidade no ensino superior.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

No caso deste estudo e numa perspectiva intercultural, as narrativas e o diálogo que se estabelece durante o processo educativo permitem um encontro com o outro, no qual se pretende provocar o aprofundamento de um estranhamento e deslocamento, "an encounter with alterity understood as a process of destabilizing monolithic conceptions of identity" (Lechner; Renault, 2018, p. 2).

Neste encontro desenvolve-se um "entre-ser" (Kristeva, 2001, p. 15), pelo acolhimento do outro, uma auto reflexão e um espelhamento, que permitem um distanciamento de si e um reconhecimento de dimensões para as quais somos cegos quando excessivamente centrados em nós, na nossa experiência e cultura. Deste modo, e a partir da narrativas e seu aprofundamento, pretende-se desenvolver uma ética relacional intercultural (Nguyen et al., 2021) e uma hospitalidade radical:

> Uma transição "da hostilidade à hospitalidade" torna-se possível através da troca de estórias (KEARNEY, 2009), via um intercâmbio narrativo de versões privadas da História. Nesta troca, a humanidade das duas partes do diálogo passa a ser contatada numa dinâmica de diálogo. Os participantes desta conversa aprendem a ouvir-se de forma mais pausada e respeitosa, fora dos automatismos cognitivos da vida quotidiana. Os efeitos observados nesta troca, são o quebrar de barreiras materiais e simbólicas, quebrar ciclos de violência simbólica e material, intolerâncias, permitindo a co-construção de novas narrativas sobre as experiências e uma versão conjunta da história (Lechner, 2018, p. 42).

Inspiramo-nos em outros trabalhos, nomeadamente em Souza (2014) quando refere três tempos do processo narrativo – lembrar, narrar e refletir sobre o vivido – e três tempos de análise – pré-leitura, leitura temática e leitura compreensiva interpretativa, também em contextos de formação, embora com objetivos distintos:

> A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação (Souza, 2014, p. 43).

Propusemos num dos processos educativos desenvolvidos a pares, três tempos/ três camadas de trabalho com as narrativas – um primeiro tempo de registo narrativo elicitado a partir da escolha de fotografias pelo próprio, um segundo tempo de entrevista narrativa para aprofundamento da primeira, um terceiro momento de interpretação sobre os dois registos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

anteriores, em modo dialógico, com reflexão mobilizadora de leituras sobre cultura e interculturalidade. Buscava-se, portanto, realizar uma análise interpretativa do discurso dos participantes, inspirando-se no conceito de 'discurso do discurso' de Foucault (1999), para cultivar um conhecimento que emerge da experiência e do pensamento crítico.

Num outro processo experimentado com narrativas digitais partiu-se primeiro de um registo narrativo elaborado dialogicamente a pares, na forma de um guião, para posterior pesquisa e elaboração de imagens a integrar na produção de um documento visual, na forma de *storytelling* a partilhar posteriormente no grupo. Considera-se, como diversos autores que trabalham com *storytelling*, que este é um processo pedagógico relevante para o desenvolvimento não apenas da investigação, mas também da formação:

> Digital-storytelling refers to the practice of producing short digital videos combining photographs, video clips, and other images with voiceover audio narration. It has become a popular pedagogical tool at all levels of education and in a variety of disciplines. … By sharing and listening to the stories of others, digital storytelling can be an opportunity for inter-cultural dialogue and intergenerational learning (Marshall, 2021, p. 216-217).

O artigo estrutura-se em torno destas duas experiências, fazendo confluir reflexões dos diversos participantes que sobre elas escrevem nos seus portfólios e diários, com o objetivo de problematizar os processos interculturais onde as narrativas foram aprofundadas. Contextualizamos a pesquisa, mesmo que brevemente, apresentando um enquadramento teórico sobre perspectivas interculturais, campo de estudo, participantes e metodologia. Por fim, apresentamos e discutimos os dados produzidos.

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E INTERGERACIONALIDADE – PROCESSOS DIALÓGICOS NA INTERSECÇÃO DE ABORDAGENS

A interculturalidade e a intergeracionalidade emergem como aspectos fundamentais no cenário atual do ensino superior, onde a crescente diversidade cultural nas instituições acadêmicas e o convívio entre gerações distintas apresentam um contexto enriquecedor e desafiador para todos os envolvidos. Neste artigo, exploraremos as formas pelas quais a interculturalidade e a intergeracionalidade podem influenciar positivamente a educação superior. Segundo Santos Rego *et al*. (2013), a interculturalidade no ensino superior envolve a compreensão mútua, o respeito e a capacidade de interação com indivíduos de origens culturais diversas, num diálogo cultural que proporciona uma ampliação de perspectivas,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

aprimorando a formação de estudantes, desenvolvendo suas habilidades de comunicação intercultural (Candau, 2008) e preparando-os para um mundo globalizado. Pretceille (2011) destaca que a interculturalidade não se trata apenas de uma coexistência, mas de uma troca constante, onde as diferenças são um trampolim para a criação de novos saberes e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. No contexto acadêmico, a interculturalidade oferece a oportunidade de transcender fronteiras disciplinares e culturais, gerando um espaço de cocriação de conhecimento.

Boaventura Sousa Santos (2018) argumenta que a intergeracionalidade, por sua vez, refere-se à colaboração e ao diálogo entre diferentes faixas etárias. A troca de experiências e perspectivas entre professores e alunos de diferentes gerações contribui para uma compreensão mais profunda dos conteúdos para a formação integral dos estudantes. Isso cria um ambiente de aprendizado que respeita a história e valoriza a contribuição de todas as gerações, desenvolvendo suas competências interculturais (Byram, 2008; Candau, 2008). A interação entre diferentes gerações promove uma educação mais holística e alinhada com as necessidades da sociedade, considerando tanto a herança cultural quanto às demandas contemporâneas.

No entanto, não podemos ignorar os desafios que esses elementos podem apresentar, tais como as barreiras linguísticas, os estereótipos culturais e a resistência à mudança, e que podem dificultar a eficácia da interculturalidade (Holliday, 2011). Importa, portanto, atender e refletir sobre as relações de poder presentes nas interações entre diferentes grupos socioculturais, numa perspectiva de interculturalidade crítica que

> questiona as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, etnicorraciais, de gênero, orientação sexual, religiosos, entre outros, parte da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias (Candau, 2020, p. 680).

Da mesma forma, as diferentes gerações podem enfrentar dificuldades na comunicação devido aos diferentes estilos de aprendizagem e valores (Mezirow, 1997). É essencial adotar abordagens pedagógicas sensíveis às diferenças culturais e geracionais, promovendo a inclusão e o respeito mútuo. Para efetivamente promover a interculturalidade e a intergeracionalidade, é necessário implementar estratégias específicas, tais como a criação de espaços de diálogo intercultural através de grupos de discussão e projetos colaborativos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Estes processos podem facilitar a compreensão e a apreciação das diferenças culturais, assim como a formação de equipes intergeracionais de ensino e pesquisa também pode incentivar a troca de conhecimentos e experiências. Além disso, a integração curricular, a inclusão de conteúdos relacionados a esses temas da interculturalidade e intergeracionalidade nos currículos podem incentivar a reflexão crítica e contribuir para uma educação mais abrangente e consciente (Darvin; Norton, 2015; Cernadas Ríos; Lorenzo Moledo; Santos Rego, 2021).

Também no ensino superior, a interculturalidade e a intergeracionalidade são elementos que enriquecem a experiência educacional, preparando os estudantes para um mundo diversificado e em constante evolução. Através do diálogo e da produção de narrativas entre diferentes culturas e gerações, a educação superior pode se tornar um espaço de construção de conhecimento mais profundo e significativo. No entanto, é fundamental considerar e abordar os desafios que esses elementos podem apresentar, garantindo a criação de um ambiente inclusivo e respeitoso, mas também considerar os problemas estruturais e as condições sociais e institucionais e os dispositivos de poder que mantêm as desigualdades e discriminação, para impulsionar a partir daí, uma transformação para e com as pessoas que as sofrem na pele (Walsh, 2007). Esta é uma perspetiva crítica que aponta para a

> creación de condiciones de poder, saber y ser muy distintas. Pensada de esta manera, la interculturalidad crítica no es un proceso o proyecto étnico, ni tampoco un proyecto de la diferencia en sí. Más bien, como argumenta Adolfo Albán (2008), es un proyecto que apunta a la re-existencia y a la vida misma, hacia un imaginario "otro" y una agencia "otra" de con-vivencia - de vivir "con"- y de sociedad (Walsh, 2007, p. 12).

Trata-se de pensar a interculturalidade como um projeto político, social, epistemológico e ético, em construção, que promove a conscientização dos diversos atores sociais, enquanto "desenvolvimento crítico de tomada de consciência", e se constitui como "compromisso histórico" (Freire, 1979, p. 15).

Também as histórias podem ser uma forma de promover essa "re-existência", esse outro imaginário e agência de "con-vivência", valorizando a inclusão social e a diversidade cultural, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade cultural. Este é também o entendimento de Conceição (2014) contar histórias é uma maneira de valorizar a identidade e a diversidade cultural, além de combater a discriminação e o preconceito, reforçando a interculturalidade. No seu estudo são apresentados exemplos de atividades que podem ser realizadas em sala de aula, como a criação de histórias coletivas, a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

dramatização de histórias e a produção de livros de histórias, ressaltando que é fundamental que os professores estejam preparados para trabalhar com a narração de histórias no sentido de valorizar a cultura, a partir da existência própria, o diálogo intercultural e a conscientização de condições sócio-históricas em que se inscrevem.

Em síntese, os referenciais teóricos que embasam este trabalho apontam para a relevância de uma abordagem narrativa assente em perspetivas críticas e dialógicas de interculturalidade, pelas quais se favorece um questionamento de experiências de estranhamento cultural e se promovem processos de intergeracionalidade que valorizem e provoquem uma conscientização dos estudantes e daqueles com quem interagem para desenvolver seus projectos. O engajamento com diferentes formas de expressão narrativa não só capacita os estudantes a apreciarem a riqueza da diversidade, mas também os equipa com habilidades para enfrentar e questionar estruturas discriminatórias, fomentando um ambiente educacional mais justo e inclusivo.

METODOLOGIA, CONTEXTOS E PARTICIPANTES

> […] o estranhamento motivado pela presença do outro, o desconhecido que, segundo descrições etnográficas de Lévi-Strauss, suscita sensações confusas. Esse fenômeno situa-se em zona de indeterminação estágio pré-político caracterizado pelo estado de exceção e de suspensão da consciência e dos olhos no qual não há controle sobre a cognição ou sobre os sentidos de modo voluntário. Estudamos autores a partir da segunda metade do século XIX, época em que houve maior interesse por estranhos ou outros povos, decorrente da expansão das grandes cidades e do neocolonialismo. Autores que nas cidades descreveram o estranhamento das multidões nas metrópoles: Poe, Balzac, Proust, Baudelaire, Simmel, Walter Benjamin. Nas etnografias, visitaram ou relataram a presença do antropólogo na sociedade estudada em diários de campos e livros e discorreram sobre a chegada do estranho, como as descrições etnográficas de Boas, Malinowski, Pritchard, Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro (Ramirez, 2014, p. 6).

Com o projeto de investigação a que reporta este artigo pretendemos desenvolver um autoestudo colaborativo para pesquisar os processos educativos e as aprendizagens interculturais em curso numa unidade curricular (UC) de um curso de mestrado. Neste artigo centrado nos processos educativos relativos ao desenvolvimento de narrativas, três das participantes deste processo – a docente e duas estudantes, assumem-se como co-investigadoras e, tal como é comum no autoestudo, pretendem compreender os processos em que estão implicadas, deste modo aprofundando as suas aprendizagens e transformando as suas práticas. Entre as características predominantes do autoestudo destaca-se precisamente o ser auto iniciado e focado, com vista à melhoria da prática, interativo, usando múltiplos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

métodos (principalmente qualitativos) a providenciando uma validação baseada em dados exemplares para estabelecer confiança (Laboskey, 2004; Mena; Russel, 2017).

O currículo e os participantes, no contexto de um mestrado em Educação e Formação

A unidade curricular (UC) sobre a qual se foca a presente investigação, intitulada "Educação Intercultural e Mediação", tem como principais objetivos, no que respeita a aprendizagens e competências a desenvolver pelos estudantes: Compreender as problemáticas da (inter)culturalidade à luz dos principais referenciais teóricos; Analisar e interpretar políticas e práticas educativas, à luz da perspetiva da educação intercultural; Assumir uma atitude questionadora e crítica face à educação comunitária; Analisar criticamente projetos e práticas de mediação intercultural; Revelar competências socioafetivas, de autorregulação e de descentração pessoal e cultural.

De entre as estratégias educativas salienta-se o desenvolvimento de aprofundamento teórico a partir de tertúlias dialógicas (com debate em que todos participam refletindo sobre textos previamente selecionados, relacionando-os com suas experiências e registos), a criação e aprofundamento reflexivo de narrativas, bem como o desenvolvimento de projetos individuais de pesquisa individual e de grupo.

O grupo que constituiu a turma no ano de 2022/23 a frequentar a UC era formado por 1 docente, doutorada em Ciências da Educação, e 17 estudantes, 4 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, com uma grande heterogeneidade de idades (dos 21 anos aos 60 anos), nacionalidades (portuguesa, brasileira, italiana), e áreas de formação inicial, nomeadamente das licenciaturas em Educação e Formação; Animação Sociocultural; Artes; e Comunicação Social.

Processos metodológicos de investigação

O autoestudo sobre os processos educativos e aprendizagens foca-se na análise de reflexões individuais, que foram elaboradas através da produção continuada de registros, colocados em portfólios individuais pelos estudantes (cujos excertos colocados neste artigo têm uma designação que se inicia pela letra E, seguida de um nome fictício, à exceção dos autores 2 e 3 deste artigo - Autor2; Autor3, também estudantes – exemplo: E_Isis; E_Jesuína;…), e num diário individual, pela docente (cujos excertos são designados por Autor 1, data de registo). De acordo com o consentimento informado elaborado manteremos o

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

anonimato dos participantes. Nestes registos houve recurso a diversos tipos de linguagem, incluindo imagem – fotografia, vídeo, desenho, etc. -, e discurso verbal na forma de narrativas, poemas, reflexões escritas sobre os processos.

Foi realizada uma análise de conteúdo dos registros escritos, distinguindo dois temas principais - processos educativos e aprendizagens. Para o presente artigo focamo-nos no tema relativo aos processos educativos, mais concretamente na "criação e aprofundamento de narrativas de modo dialógico", distinguindo entre duas categorias: 1) processos narrativos de estranhamento cultural; 2) *storytelling* digital intergeracional. Cada uma destas categorias deu lugar às mesmas sub-categorias, a saber: a) processos relacionais e colaborativos; b) processos práxicos, de reflexividade a partir da experiência; c) processos de criação/produção com componentes artísticas e técnicas audiovisuais.

Ao longo do processo foi sendo elaborado um texto de consentimento informado, que procuramos adaptar às circunstâncias específicas de um projeto de investigação colaborativa, para podermos acordar de forma explícita regras de utilização dos dados produzidos e de autoria de publicações futuras. Recolhemos, até à data desta publicação, 12 protocolos de consentimento informado assinados, pelo que só serão utilizados dados dos respetivos participantes.

APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

> Narrativas (auto)biográficas, construídas e/ou coletadas em processo de pesquisa ou em práticas de formação, centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si (Souza, 2014, p. 43).

Organizamos este tópico em torno de cada uma das duas propostas educativas realizadas, a primeira focada em narrativas de estranhamento cultural e a segunda em storytelling digitais intergeracionais. Após uma breve apresentação da proposta, cruzamos registros verbais (incluindo narrativas, poemas e reflexões escritas dos portfólios e diários) e registros visuais (usando fotos mas também links de vídeos) produzidos pela docente e estudantes, todos co-investigadores desta pesquisa.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Narrativas de estranhamento cultural – um processo dialógico

O Processo Educativo

Solicitou-se, logo no início da UC, que cada estudante pensasse numa situação por si vivida de estranhamento cultural e trouxesse uma fotografia alusiva a essa experiência, para a partir dela dialogar com os colegas. Com esta proposta de trabalho pretendeu-se desenvolver a capacidade de observação e de análise e interpretação de contextos e situações onde as problemáticas da diversidade, interculturalidade e mediação fossem relevantes e cujas experiências associadas tivessem causado alguma forma de estranhamento cultural. A proposta de trabalho consistia em 6 etapas: 1) elaboração de uma narrativa oral vídeo gravada, partindo de uma fotografia; 2) mini entrevista, para que o(a) narrador(a) fale mais da sua experiência, das interações, de como foi afetado(a), o que aprendeu, como afetou os outros; 3) análise conjunta das histórias e fazer emergir temas para aprofundamento da reflexão e possíveis pesquisas individuais; 4) escrita individual de um breve comentário, recorrendo ainda aos textos sugeridos para leitura, a colocar na plataforma moodle, no fórum respetivo; 5) apresentação em duplas do resultado do seu trabalho a toda a turma; 6) colocação dos elementos no portfólio individual.

As Reflexões Produzidas Antes e no Final do Processo Educativo

A seguir, apresentamos algumas das reflexões e materiais produzidos pela docente e estudantes, tendo o cuidado de selecionar apenas elementos dos estudantes que deram o seu consentimento informado.

- Processos de criação com componentes artísticas e técnicas audiovisuais

Na turma foram criados 8 pares de estudantes, de acordo com as etapas referidas. A título de exemplo, apresentamos o trabalho desenvolvido por um dos pares, do qual a autora 2 fazia parte, colocando imagens e reflexões dos respectivos portfólios individuais. Ambas estudantes brasileiras iniciaram o seu processo online mas a quase totalidade do trabalho concretizou-se já em Portugal. Começando pelo portfólio de E_Isis, esta apresenta a sua

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

narrativa registrada em vídeo[5], a imagem da foto por ela escolhida (figura 1), e um registo reflexivo sobre esta proposta, da qual extraímos o excerto seguinte:

FIGURA 1 – Making of de vídeo arte.



Fonte: [imagem de E_Isis]

> Durante nossa reflexão, Sílvia e eu percebemos o quanto a viagem e o deslocamento é importante para conhecermos outros pontos de vista e dessa forma, abrirmos nosso pensamento e desenvolvermos atitudes perante a diversidade, que é sempre presente. As viagens que os familiares de Sílvia realizaram, transformando sua casa em uma coletânea de objetos de diversos países, assim como a minha mudança para o sul do país causaram marcas em nossa personalidade, bem como desenvolveram a curiosidade no nosso olhar, que atento às diversidades, buscam ambientes e oportunidades para vivenciá-las. Outro ponto em comum foi a arte. Os objetos que Silvia trouxe são produções artísticas que representam ou fazem parte de culturas diversas, assim como minha fotografia representa um vídeo art, o que chama minha atenção para este assunto, pois a arte pode ser um reflexo de uma sociedade. Assim como qualquer civilização, a arte está em constante mudança e pode ser compreendida como um reflexo do ser humano, que carrega em si a característica da diversidade e pode ser um potente instrumento ao pensar educação intercultural, tema que será estendido mais adiante. (E_Isis)

Nestas reflexões salientamos os processos de narração, favorecidos pelas fotos escolhidas pelos próprios, bem como de comparação entre narrativas com a procura de convergências para fazer sobressair a importância da heterogeneidade nas relações, nomeadamente em contexto familiar, bem como o papel das viagens, das migrações e da arte, no encontro, deslocamento de si e expressão de diversidade cultural, bem como em aprendizagens interculturais relevantes, tais como a escuta e a quebra de preconceitos. Destaca-se, ainda, a mobilização teórica de autores para expandir essa reflexão em torno das dimensões culturais.

[5] https://drive.google.com/file/d/1Q1QbKM5rjVJjlnnpDsqf9OP_ufAGOd01/view?usp=drive_link

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Por outro lado, a Autora 2 também se pronuncia sobre mesma situação, em seu portifólio, do qual retiramos alguns excertos:

> Fruto da mini entrevista, temos uma linha do tempo. A opção de "desenhar" a entrevista na formatação de linha do tempo em que cronologicamente é colocada uma síntese, também perpassada pelo recorte do olhar do entrevistador, é marcada pelo fio guia da imagem e do que essa imagem proporciona de transporte narrativo para outras versões da entrevistada em seu tempo-espaço enquanto construção de experiências de interculturalidades, prenúncio de outros movimentos de cidadania global que a trazem aqui no dia do encontro para a gravação do material, o qual, por opção da entrevistada e da entrevistadora, foi feito em um primeiro encontro de ambas presencialmente e da descoberta conjunta desse espaço coletivo a ser partilhado ao longo do mestrado. [...] Procuramos neste encontro buscar as aproximações culturais, na medida em que entendemos que temos um largo território e que pouco exploramos no nosso próprio país o nosso desejo compartilhado de conhecer outras culturas do mundo. Ambas destacam em conversa dialógica que: a) "furaram suas bolhas"; b) tinham o desejo de morar no exterior como parte da formação de identidade global; c) entendem a educação como o meio mais amplo de transformação social e sentem-se convocadas nesse campo desde o início de suas formações, mesmo que em setores diferentes; d) percebem o campus como um lugar de trocas e registros importante, daí a opção dessa composição não ter sido feita apenas por videoconferência, e sim no ambiente "orgânico" e "vivo" do campus; e) viveram metamorfoses importantes ao longo da vida e esperam viver tantas outras mais. A partir desse trabalho, fica registrada a primeira grande metamorfose de *Isis*. Mas, a partir de outros desdobramentos narrativos e dialógicos sobre as histórias de vida de ambas, conseguimos identificar outras "sub metamorfoses" que nos levaram a esse ponto da narrativa. (Autor 2)

Também se observa aqui um esforço teórico para identificar elementos comuns entre as diferentes experiências narradas, acompanhado de uma reflexão sobre o processo educativo. Esse processo envolve uma progressão temporal que se inicia com a primeira narrativa e, por meio de imagens, avança para entrevistas e análises que proporcionam um aprofundamento interpretativo.

Por sua vez, a docente, numa perspetiva de investigação e pedagogia colaborativas, partiu da própria aula onde se começou a partilhar coletivamente o trabalho a pares, elaborou um poema para refletir sobre a sua experiência de estranhamento gerada com o desafio colocado por um dos estudantes:

> Um poema sobre o meu estranhamento com a 2ª aula- 28-9-2022, perante a pergunta de um estudante: religiões como grupos culturais com diferentes visões, valores, práticas – haverá algo comum a todas?
> Na pergunta o estranhamento
> e o adentrar
> nos possíveis mundos que a habitam
> deste e do outro lado do véu
> para quem acredita

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

em invisíveis e em egrégoras que nos ligam

cada um com suas visões
e missões
embora possa haver algo que as junte
em algum nível
dentro ou fora do comum humano

planos de realidade paralelos que convergem?

Ou apenas tão somente
a coexistir, a conflituar, a fragilizar-se na luta?
ou a expandir-se, a diversificar-se, a aprofundar-se
no diálogo e reciprocidade?

Eventualmente algures
a fundir-se
ao outro lado do véu
e não só para quem acredita (Autor1_D 5-10-2022)

Este poema foi lido na aula seguinte, a par das partilhas de outros participantes sobre as suas experiências de estranhamento, assumindo um processo coletivo e participado de aprendizagem mútua, recorrendo a diversos gêneros de discurso.

- Processos relacionais e colaborativos

Os processos relacionais e colaborativos, que se pretendia provocar desde o início, foram efetivamente muito salientados em diversos portfólios de outros estudantes e observados no diário da docente, como são exemplos os depoimentos que se seguem :

> Preciso também que explicitem não só o que aprenderam com a experiência relatada, mas também com a partilha a pares, com a escrita, com a partilha em aula. Exemplo da Sílvia, que diz que aprenderam que em comum é importante estarmos abertos, disponíveis, e termos curiosidade em relação ao outro, para podermos aprender, alargar nossas visões, preparar-nos para novas experiências de interação intercultural. (Autor 1_12-10-2022)
> A realização da entrevista foi em si um experiência de interculturalidade, pois, para além de ter realizado a entrevista com a colega E_J, realizei também com o colega brasileiro E_A e foi uma excelente oportunidade de conhecer os colegas e de falarmos dos nossos interesses, assim como dos nossos costumes e tradições. (E_Autor 3)
> Achei este trabalho da fotografia falada uma atividade bastante esquisita, pois me fez pensar muito na importância das troca de experiencias. Através deste processo, apercebi-me de como ouvir as histórias dos outros pode ajudar a desenvolver uma perspectiva diferente sobre as diferenças culturais, trazendo à tona novos aspectos da nossa própria história. (…) O feito de partilhar nos levou a uma aprendizagem. Aculturação acontece também em fazer o trabalho juntos. (E_Cristina)

Entretanto, os processos colaborativos estendiam-se além da mera elaboração de narrativas e de sua análise. De forma sistemática, a docente enfatizava a importância de tecer reflexões sobre os processos educativos e as aprendizagens interculturais, contribuindo assim

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

para um objetivo de pesquisa mais amplo. Esta agenda de investigação colaborativa foi continuamente relembrada, para que não se perdesse esse empreendimento coletivo. Essa insistência decorria, ainda, da consciência desse ser um desafio a práticas pedagógicas instituídas, criando condições para um processo indagativo conjunto onde as fronteiras entre docente - discentes e conhecimento científico - experiencial se diluem.

- Processos práxicos de reflexividade a partir das experiências

A interculturalidade como processo de interação e reflexão crítica sobre o comum e o diferente, é vivida e objeto de debate em sala de aula, favorecendo aprendizagens não apenas sobre o outro e a sua cultura, mas também sobre si próprio. No diálogo e confronto com o outro há um deslocamento que nos permite tomar consciência da diversidade cultural e também da pluralidade em cada um.

Diversos temas relevantes para os conteúdos e objetivos da UC emergem nestas reflexões individuais e coletivas, tecidas a propósitos das experiências de estranhamento, ais como os temas de cultura, aculturação, diferenciação cultural, invasão cultural, aprendizagens interculturais:

> Mas para além disso tentar contar a própria experiência, de um estranhamento cultural, estimulou um processo de auto-reflexão. Uma auto-análise sobre como este estranhamento aconteceu, o que me despertou e como lidei com isso. coisas sobre as quais não estamos habituados a pensar e analisar. (E_Cristina)
>
> No trabalho a pares de fotografia, a reflexão trazida que, somos ao mesmo tempo somos seres individuais e plurais pois externamos o que aprendemos, e recebemos o que não sabemos, através da cultura própria e a do próximo, tais como ensinar uma nova língua, e aprender diferentes hábitos culturais por meio de novas amizades no trabalho, podem se tornar experiências multiculturais extremamente novas e interculturais. (E_Miguel)
>
> A consolidação destes conhecimentos parece acentuar-se quando confrontada com a proposta de outros trabalhos mais práticos e que exigem da minha parte a construção de um pensamento crítico e reflexivo face a temática que venho a explorar na Unidade Curricular de Educação Intercultural e Mediação. […] Contudo, ao analisar a minha experiência de estranhamento cultural, juntamente, com as partilhadas pelos meus colegas, onde uma se encontrava, diretamente, relacionada com o catolicismo e a outra, de certo modo, com a invasão de privacidade, foi possível notar que, a passagem por este género de vivências, se apresenta um fenómeno, extremamente, presente nas nossas vidas, quer visível através do contacto direto com indivíduos de nacionalidades distintas e diferentes opções religiosas, quer mesmo através de um simples momento fotográfico, que se pode converter numa polémica questão cultural. Além disso, a constatação destas evidências, levou a levantamento de um conjunto avultado de temáticas decorrentes das experiências partilhadas, onde a diferenciação cultural, a invasão cultural e a interculturalidade, ocuparam os lugares de destaque nesta enunciação (E_Jesuína)
>
> Na aula as questões que foram debatidas giraram em torno de: - processos de difusão cultural entre países vizinhos; - relação entre contextos e influência sobre cultura;- dimensão cultural das emoções, processos de luto, etc.; - diferenciação de países em territórios antes não organizados desse modo; - miscigenação e processos migratórios em todo o globo e interdependências ao longo de milhares de anos; -

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

> genética e cultura epigenética; - línguas e dialetos; - identidade/traço/estrutura/poderes; - processo dinâmico e pluralidade; - relação entre educação e perspetivas sobre cultura, mais fixistas, ou mais dinâmicos/mais universais/mais plurais; - aprendizagens interculturais nas relações e contratos sociais em grupos multiétnicos; - política cultural na construção do contrato social […] Preciso que também vejam que temas podem emergir com essas partilhas. Como exemplo vimos questões de relação coletiva artes/interculturalidade; legados culturais plurais no processo de desenvolvimento intercultural (Autor 1_ 12-10-2022).

Deste modo se vai construindo a UC, através de um processo aberto onde as pesquisas teóricas e projetos de pesquisa mais específicos são também elicitados por interesses e temas que vão emergindo de narrativas e debates em torno de experiências concretas.

Storytelling visual digital – um processos intergeracional dialógico

Um outro processo de utilização de narrativas surgiu de modo imprevisto, a partir de uma proposta de colaboração com uma das instituições que acolhe estagiários do nosso mestrado e que tinha como projeto o desenvolvimento do processo de intergeracionalidade através da produção de narrativas digitais - o projeto E-Sherazad, da CAI (Conversas Associação Internacional), uma associação que gere o *Street work Training Institute* (SwTI).

> Sobre a conversa com Helder surgiu a possibilidade de ligar com um projeto que têm de storytelling em processos de intergeracionalidade e/ou com uma proposta formativa de 3X2h sobre storytelling para apoio ao desenvolvimento do projeto. Preciso pensar como articular isto sem pôr em causa as horas que temos para o desenvolvimento da UC e seus conteúdos. Talvez negociar menos tempo em cada sessão, para ser possível ter tempo útil de aula para outros aspetos. (Autor 1_12-10-2022)

De uma negociação posterior acertamos as seguintes alternativas:

> Desta formação terá que resultar Storytelling sobre a Intergeracionalidade E OUTROS TEMAS e, no mínimo, 5 histórias/vídeos. Cada aluno poderá fazer mais do que uma história com os adultos +55. […] Posto isto, existem 3 cenários possíveis:
> 1. O cenário que nos interessa mais, seria o educador (aluno) serve de referência para um jovem e para um adulto +55 e aplica os conhecimentos da nossa formação com duas pessoas de fora, sendo que depois essas duas pessoas é que fariam o digital storytelling.
> 2. O segundo cenário, o aluno é o jovem desde que tenha entre 18 e 25 anos e trabalha com um adulto com +55 fora da turma/faculdade e criam o seu digital Storytelling.
> 3. O último cenário, é o cenário que nós preferíamos evitar, só mesmo em último recurso. Seria dois alunos em que, um teria +55 a trabalhar com um aluno entre os 18-25 anos e juntos realizarem o digital Storytelling. (email da instituição que fez a formação).

Do processo resultaram diversos storytelling, tendo alguns dos grupos de participantes submetido os seus trabalhos para apresentação num festival em Estrasburgo.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

A título de exemplo do trabalho em duplas, centremo-nos no trabalho realizado pelas autoras 2 e 3, uma das duplas de estudantes formadas, e no trabalho realizado entre a docente (autora 1) e outra estudante (E_Carla).

Na dupla formada pela docente e uma estudante, assumimos dois níveis de intergeracionalidade - a da própria dupla e a da estudante com a sua avó, em conversa entre ambas para recolha de imagens e de histórias de brincadeiras tradicionais que a avó passou à sua neta. Daqui resultou um guião (com poema iniciado pela docente) e a gravação de imagens (junto da avó, junto de crianças que a estudante acompanha num atelier de tempos livres e junto de familiares, que se prestaram a representar os jogos). Texto e imagens e som depois foram integrados num vídeo de curta duração[6]. Deste processo, alguns testemunhos do diário da docente:

> E, como sempre, a expansão, do que poderia ser um exercício, para algo mais. Com a possibilidade de 2/3 metas (uma delas o festival para onde a *Carla* poderá mandar o seu trabalho). A dúvida, o risco, o não saber onde se vai chegar, o manter em aberto várias possibilidades, o não ter pressas, deixar o tempo correr, adiar o fim da tarefa, que no caso era escrever e registar em áudio a voz da narrativa), o confiar que a inspiração da escrita poética vai vir depois, o planear os passos dos registos para os dois planos.
> No dia seguinte, ainda não eram 7 da manhã, as palavras começaram a vir e o receio de se perderem fez-me levantar e escrever os pequenos textos-narrativas, guiões para que a C. tenha a base com a qual se inspirar para as recolhas…
> (Autor 1_ 9-11-2022)

Na continuação do diário, ainda algumas reflexões sobre aprendizagens relativas à **produção audiovisual das narrativas visuais digitais,** num processo educativo aberto a colaborações interinstitucionais**,** aspecto também salientado pela outra dupla de autores deste artigo:

> Sobre aprendizagens interculturais, diria desta minha incursão pela cultura das tecnologias, quero aprender mas sem ter ainda confiança. (…) O próprio fato de acontecer numa UC que não tem esta metodologia como conteúdo, mas que já havia iniciado um processo semelhante de trabalho a pares a partir de histórias e fotos, ampliado agora, revela uma ampliação imprevista, à procura de superar limites e aceitação do imponderável, o desvio do pré-estabelecido e a tentativa de manter uma certa focagem que reconduz aos nossos projetos individuais e coletivos. Princípios tão caros a Atkinson (Autor 1_9-11-2022)
> A realização da formação foi muito enriquecedora a nível das aprendizagens na criação de conteúdos digitais, especificamente na elaboração de vídeos de curta duração (Autor 3)

[6] https://shahrazadhub.com/index.php/workshop/memorias-brincadeiras-de-ontem-hoje-e-amanha/

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Sobre o trabalho da outra dupla, formada pelas autoras 2 e 3 deste artigo, poder-se-á assistir ao vídeo por elas produzido[7], que tem uma componente ficcional interessante e onde partiram de uma história que lhes era contada quando pequeninas. As histórias apesar de terem elementos em comum são diferentes, considerando as geografias distintas, pois uma é de nacionalidade brasileira e outra de nacionalidade portuguesa,

> Nossos laços se traduzem neste trabalho, no trabalho da formação de storytelling presente no portfólio e onde nosso encontro intelectual e pessoal começou. Ambas com vivências interculturais e intergeracionais com os avós muito presentes e marcantes como exemplos de idosos que nos informaram e formaram na direção da cultura local, regional e global. (Autor2)
> Relativamente à realização do mesmo, foi em equipa com a Silvia, e a questão colocada levou-nos à nossa infância e ao contacto com os nossos avós, ambas nos recordamos das histórias que os nossos avós nos contavam, o que foi muito interessante pois sendo ela brasileira e eu portuguesa as histórias não eram as mesmas, mas o mais interessante foi que a mensagem que se queria transmitir às crianças através das histórias eram a mesma, mas contada de outra maneira. (Autor 3)

Vemos, aqui, serem salientados os **processos relacionais e colaborativos**, muito para além dos aspectos técnicos específicos. Destacam-se os processos intergeracionais, interdisciplinares e interinstitucionais, bem como as aprendizagens interculturais daí resultantes, como o diário da docente desenvolve, também ela transformada pela sua experiência de produção a pares:

> Esta troca com instituições que têm projetos tão interessantes e que tocam os nossos ideais e concretizações (investigação-ação, interculturalidade, cultura, internacionalização, intergeracionalidade, diversidade), apresentam para nós um potencial de colaboração e expansão (acredito que em ambos os sentidos). Realço, claro, esta relação a dois, onde reconheço no outro o diferente e semelhante, onde me reconheço a mim e à história de meus ancestrais e à distância da nossa vivência de hoje em relação à de anteontem, onde me vejo já com essa diferença etária, mesmo que interiormente me sinta com todas as idades que são em mim : a criança-jovem-adulta e agora […] E isso coloca a questão sobre as ideias feitas, os estereótipos sobre o que significa tal. Para nós, para mim, há ainda um vínculo ativo do educador que aprende sempre, mas que também apoia os mais jovens para aprofundar a sua experiência, para refletir sobre si próprios, para expandir possibilidades e se aventurar aproveitando as novas oportunidades que se lhe oferecem. Não me terei aberto muito a falar de mim. [...] Claro que estamos perante uma visão pedagógica que não é transmissiva, não é predeterminada e, aliás, é até muito mais aberta do que a proposta inicial, pois os estudantes podem apropriar-se dela para diferentes fins e distintos dos inicialmente previstos. (Autor 1_ 9-11-2022)

[7] StroytellingDigital.mp4 - Google Drive

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

Verifica-se um processo de permanente **questionamento** sobre a educação e o papel do educador, onde a colaboração próxima não anula as diferenças de propósitos nem apaga totalmente as distâncias. Ao mesmo tempo, há uma crescente procura de aprendizagem intercultural e de reflexão sobre esta, para a aprofundar, num processo que é simultaneamente de deslocamento em relação a si própria e de hospitalidade e aproximação ao outro, pela escuta sensível e pela criação conjunta. Numa perspectiva de interculturalidade crítica denuncia-se e subverte-se a habitual distância hierárquica na relação professor-aluno, através de processos colaborativos de co-criação e co-investigação, bem como aprofundar novas formas de colaboração interinstitucional e interdisciplinar.

Neste processo narrativo salienta-se, ainda, a emergência de outras reflexões que apontam para estas questões de interculturalidade crítica, como aconteceu a respeito das histórias de infância, que interrogam a herança cultural e o valor da ancestralidade, que discutem as representações sobre as raízes ancestrais, que valorizam a imaginação, que apelam à liberdade de escolha e ao potencial da resistência, como se observa nas reflexões seguintes e onde sublinhamos algumas frases onde é clara uma dimensão de reflexividade crítica sobre condicionamentos sociais a que estamos sujeitos e a necessidade de nos consciencializarmos e rompermos com essas limitações, transformando-as:

> Fez-nos refletir sobre contos tradicionais, tradição oral, herança cultural, sobre o lobo mau, a intergeracionalidade e a interculturalidade entre Portugal e Brasil, os contos tradicionais além de passarem de avós para netos fazem parte da cultura de um povo, o que levantou várias questões, será que Portugal e Brasil partilham as mesmas **"lições" de moral nos contos tradicionais? serão estas "lições" pertinentes para os dias de hoje?** (Autor 3)
>
> Não será essa visão positiva demais? não será necessário pensar também no que é negativo, para conseguir entender na totalidade estes processos de aproximação? Parece-me que o positivismo exacerbado traz também uma superficialidade aos arquétipos, que como mostraram num vídeo são histórias e contos que representam uma repetição de comportamentos, de valores. Penso que estas figuras de referência (avós, idosos), apesar de trazerem com elas muita sabedoria, também são representativas de um comportamento acumulativo, uma espécie de empilhamento de experiências (como observei no vídeo onde os colegas empilhavam as fotografias) que acarretam representações vincadas de gerações e que contrastam com a realidade. Então, onde é possível haver transformação e não somente uma repetição de comportamentos e memórias? Como podemos transformar-nos, ao nos aproximarmos da nossa ancestralidade? Nesta relação de amor para com o outro também pode existir uma reflexão crítica daquilo que ele representa, a escuta e relação de confiança não impede a reflexão crítica e a criação de pontes com aquilo que é real e que acontece agora. **Ao fazer esse exercício crítico de reflexão apercebo-me de que todos nós somos uma escolha e por mais que o amor e a confiança esteja presente eles não são sinónimos de assimilação e perpetuação de comportamentos, mas sim motivos de transformação**. (E_Cristina)
>
> A interculturalidade crítica é também não perder esse legado; não fazer de conta que somos independentes dessa nossa condição de hoje, mas também observar tudo isso

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

> e **questionar as condições sociais e culturais geradoras de desigualdade, percebendo que aí, na consciência e na escolha, reside a liberdade – a liberdade de aceitar, de resistir, de procurar transformar, de criar**. Percebendo o limitado e o ilimitado, simultaneamente. E procurando expandir essa consciência com os outros, partilhando e escutando, aprendendo juntos. (Autor 1_ 9-11-2022)

Estes testemunhos são, também, uma reflexão sobre o processo de aprendizagem coletiva, desenvolvida a pares e no grupo-turma, pela partilha e pelo confronto, onde distintos tempos, geografias e gerações são colocados em diálogo, questionando condições sócio-históricas, mitos romantizados do passado, legados e possibilidades de transformação.

As análises das narrativas coletadas revelam a riqueza e a complexidade dos processos educativos interculturais e intergeracionais. Os participantes (estudantes e docente), através da introspecção, da partilha e questionamento de experiências, da cocriação e divulgação de narrativas digitais, com a participação de terceiras pessoas externas à escola, foram capazes de construir um diálogo reflexivo que transcende as barreiras do tempo, espaço e geração, desafiando mitos culturais e promovendo a transformação. Estes processos reflexivos, dialógicos e colaborativos, fundamentados nos contributos teóricos de autores como Bolívar e Domingo (2016); Foucault (1999); Freire (1967, 1975,1977); Kristeva (2001); Lechner e Renault (2018); Larrosa (2002, 2004), destacam uma epistemologia narrativa e a intersecção dinâmica entre a experiência vivida e a teoria, permitindo a emergência de um conhecimento crítico que valoriza tanto o individual quanto o coletivo. As narrativas analisadas em conjunto e co-construídas funcionam como um catalisador para a conscientização e a ação crítica, facilitando um entendimento mais profundo das estruturas sociais e culturais que moldam nossas realidades educacionais. Portanto, elas contribuem substancialmente para as reflexões teóricas sobre educação intercultural, ao proporcionar insights empíricos que reforçam e expandem nossa compreensão sobre os processos educativos como espaços de emancipação e transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> ¿No debería apostarse a un humanismo – auténtico - para el cual la heterogeneidad sea la condición misma del encuentro interhumano y del lazo ecológico entre seres humanos y naturaleza? (Berisso, 2019, p. 75)

Em um mundo globalizado e em constante evolução, o poder transformador da educação reside na sua capacidade de não apenas disseminar conhecimento, mas também de

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

fomentar a construção coletiva desse conhecimento através do diálogo e da experiência. Portanto, ao considerar e aproveitar a diversidade cultural e geracional, estamos não apenas enriquecendo a experiência educacional, mas também preparando os estudantes para serem agentes ativos e reflexivos em uma sociedade cada vez mais complexa e interconectada.

Neste contexto, as abordagens dialógicas (Freire, 1967, 1975, 1977), narrativa e experiencial se tornam particularmente relevantes e enriquecedoras na medida em que consideram que o eu não é um ente estático ou isolado, mas uma entidade em constante transformação, moldada e remoldada pelas interações e narrativas partilhadas com os outros. Esta visão dinâmica da identidade e da formação do conhecimento se alinha perfeitamente com as dimensões de interculturalidade e intergeracionalidade que o artigo propõe como fundamentais para o ensino superior contemporâneo. A identidade do eu, tecida a partir de uma tapeçaria de histórias pessoais e coletivas dos " vários eu" multifacetados em diálogo, que não apenas reflete a realidade vivida, mas também a constrói e reconstrói, aponta para a ideia de que a reconfiguração contínua da realidade é o solo fértil onde a interculturalidade e a intergeracionalidade podem florescer. Em espaços pedagógicos onde a diversidade cultural e geracional é valorizada, os estudantes são incentivados a compartilhar, refletir e co-construir conhecimento a partir de suas experiências diversas.

Transposto agora para uma abordagem narrativa em contexto do ensino superior, temos entendimento comum a Ribeiro e Gonçalves (2023, p. 25), quando se referem ao

> autobiográfico como transversalidade a vários géneros e práticas, geradora não apenas de textos, mas de sons, imagens, dados, arquivos em que as expressões do 'eu' possam se dar de forma expandida através de práticas, acções. gestos mediados por tecnologias diversas e capazes de influenciar redes de relações em contextos localizados e dinâmicos.

Também por isso,

> Buscamos entrar na opacidade dos motivos para além da razão, e tocar no sentido e na sua dimensão pulsional originária (Ricoeur, 2014). Também por isso a narrativa ganha por vezes contornos de uma escrita poética, metafórica, fragmentada, ampliando sentidos e mantendo-os em aberto (Caetano *et al.*, 2020, p. 32).

Recuperamos os objetivos deste autoestudo colaborativo, focado na análise de experiências narrativas que exploram processos interculturais e intergeracionais, para concluir com algumas considerações finais. Num processo pedagógico aberto à participação de todos na construção do currículo, no qual se assume a investigação colaborativa e a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

experiência como centrais e se desenvolvem processos particulares de elaboração, partilha e reflexão sobre narrativas, o muito que se vai fazendo é sempre incompleto, provisório e irrepetível. Embora a repetição, parcial, aconteça, possa e deva acontecer, pelo que importa agora questionar: O que retiramos destas experiências e transportamos para outras? O que pretendemos mudar?

Queremos manter os princípios, a visão de uma abordagem e pedagogia indagativa, narrativa e dialógica, pois pelas, e para além das evidências, defendemos os seus princípios e pressupostos. Os registos ora deixados e a suas análises deixam-nos pistas para prosseguir, nomeadamente sobre a pesquisa e a formação com as narrativas, das quais destacamos:

- partir das narrativas para fazer emergir um processo intersubjetivo de análise e teorização, para pesquisar convergências e heterogeneidades e para identificar problemáticas a aprofundar pela pesquisa teórica e empírica, parecendo relevante procurar uma articulação maior entre os vários momentos e processos, podendo os projetos de pesquisa ser também projetos de ação intercultural e dar origem a registos de *storytelling* para sua disseminação e também estes serem realizados a pares;

- apostar nos processos relacionais, participativos e colaborativos entre estudantes e entre estes e a docente, para o desenvolvimento de experiências e aprendizagens interculturais, no próprio contexto de sala de aula e expandindo-as para fora dele, onde nos confrontamos com o outro, nos percebemos na similaridade e na diferença, na pluralidade individual e coletiva, no poder transformador de cada um, no potencial criador do comum;

- manter os processos de narração a partir de fotos escolhidas pelos próprios, para prosseguir com o seu aprofundamento em entrevistas a pares, análise para procura de convergências e diferenças, teorização e escrita individual, partilha e reflexão no grupo-turma, pois se verifica ser uma sequência que os participantes associam a aprendizagens interculturais relevantes, como a abertura ao outro e outras culturas, empatia, quebra de preconceitos, compreensão e consciência crítica.

- provocar ainda mais um foco em questões de interculturalidade crítica, onde questões como da injustiça social, violência cultural, preconceito e exclusão sejam debatidas;

- importa manter, ainda, uma reflexão sobre todo este processo educativo e suas aprendizagens, como forma metacognitiva de as aprofundar, na forma de diários e registros continuados em portfólios individuais;

- manter e provocar uma maior sistematicidade, por todos os participantes, incluindo docente e estudantes, no recurso a processos *multimedia,* onde as fotos, os vídeos, os poemas,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

as escritas ficcionais se integram no processo do relato, do registo, da transformação das narrativas.

Ainda em parcial desalinho entre o vivido e o imaginado, com potencial para vir a ser realizado no futuro, especulamos sobre possibilidades de transformação no sentido de uma maior coerência com os princípios pedagógicos da interculturalidade crítica, com os princípios investigativos de um trabalho colaborativo assumido por todos os participantes, desde a sua congeminação e desenho até à sua disseminação, com os princípios de uma práxis onde a reflexão sobre a experiência se aprofunda no diálogo com os autores que conceptualizam e investigam sobre realidades afins, com os princípios de uma trabalho criativo onde as dimensões estéticas e técnicas se conjugam e onde a aprendizagem pessoal e a participação social ativa e transformadora convergem.

Pretendemos, em suma, um processo de permanente questionamento e problematização sobre a educação, o papel de educador e de educando, todos aprendentes e em processo de vir-a-ser-sendo, pelo deslocamento e pelo encontro.

Deste modo continuaremos e aprofundar cada vez mais aquilo que Atkinson (2022, p. 762) apelida de *idiotic events*, isto é, situações nas quais ocorre uma provocação e um questionamento do próprio pensamento, de esquemas mentais e de ação "a speculative space in which practice can be re-imagined and reconstructed beyond the borders of established thinking".

Fazê-lo implica uma busca deliberada por essa provocação e uma escrita que sendo narrativa é também especulativa, criadora de novas realidades. Fazê-lo implica, ainda, iluminar essa reflexão, especulação e ação com conceitos que as problematizam e nos permitem continuar neste processo de deslocamento inter e transcultural.

> Precisamos desaprender para aprender. Precisamos aprender a desaprender. Talvez o cerne. Eternamente desaprendentes e aprendentes. Eternamente ignorantes e sábios. (Caetano; Freire, 2022, p. 81).

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Dennis. Inheritance, disobedience and speculation in pedagogic practice. **Discourse: Studies in the cultural politics of education,** v. 43, n. 5, p. 749-765.

BERISSO, Daniel. La metáfora de la traducción como herramienta pedagógica intercultural. **Revista de Ciências Humanas,** v. 20, n. 2, p. 63-83, mai./ago. 2019.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús. La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual. **Forum: Qualitative Social Research,** v. 7, n. 4, Art. 12, Sep. 2006. Disponível em: https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0114-fqs0604125 Acesso em: 5 set. 2023.

BYRAM, Michael. **From foreign language education to education for intercultural citizenship:** Essays and reflections, Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2008.

CAETANO, Ana Paula; FREIRE, Isabel. Competências interculturais do mediador. *In*: SILVA, Ana Maria Costa; COSTA, Elisabete Pinto da (orgs.). **Mediação intercultural.** Braga: CIie, Universidade do Minho, 2022, p. 69-83.

CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana Luísa; ROCHA, Ana Isabel; MARQUES, Clara. Narrativas de investigação e formação em educação artística, no ensino superior – escrita dialógica em devir. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n. 1, p. 8-33, 2020.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar uma escola**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: Temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo**, v. 13, n. especial, p. 678-689, Dez 2020.

CERNADAS RÍOS, Francisco Xabier; LORENZO MOLEDO, Maria del Mar; SANTOS REGO, Miguel Ángel. La educación intercultural en España (2010-2019). Una revisión de la investigación en revistas científicas. **Publicaciones**, v. 51, n. 2, p. 329-349, 2021.

CONCEIÇÃO, V. A. **Contação de histórias:** Identidade cultural na valorização da tradição oral. Bahia: Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira, 2014.

DARVIN, Ron, & NORTON, Bonny. Identity and a model of investment in applied linguistics. **Annual Review of Applied Linguistics,** 35, p. 36-56, Março 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas**.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento, 1975.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire.** Teoria e prática da libertação**.** Porto: Nova Crítica, 1977

FREIRE, Paulo. **Conscientização. Teoria e Prática da Libertação:** Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979, 53 p.

HOLLIDAY, Adrian. **Intercultural communication & ideology**. Thousand Oaks: Sage, 2011.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

KRISTEVA, Julia. **Hannah Arendt:** Life is a narrative (R. Guberman, Trans.). Toronto: Toronto University Press. 2001, 104 p.

LABOSKEY, Vicki Kubler. The methodology of self-study and its theoretical underpinnings. *In*: LOUGHRAN, John; HAMILTON, Mary Lynn; LABOSKEY, Vicki Kubler; RUSSELL, Tom. (eds.). **International handbook of self-study of teaching and teacher education practices.** Dordrecht: Kluwer, 2004. p. 817–869.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação**. v. 19, p. 20-28, jan.-abril 2002.

LECHNER, Elsa. Biografias e migrações: diálogos teórico-práticos no horizonte de uma utopia concreta, **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 3, n. 7, p.35-44, jan/abril 2018.

LECHNER, Elsa; RENAULT, Letícia. Migratione experiences and narrative identities: Viewing alterity from biographical research, **Critical Hermeneutics**, v. 2, n. 1, p. 1-25, agosto 2018.

MARSHALL, David. Digital Storytelling as community-based intercultural learning in cultural/historical geography. *In:* WESSELL, Jonathan. (eds.). **Experiential Learning in Geography. Cham,** Switzerland: Springer, 2021. p. 211-225.

MENA, Juanjo; RUSSELL, Tom. Collaboration, multiple methods, trustworthiness: Issues arising from the 2014 International Conference on Self-study of Teacher Education Practices. **Studying Teacher Education**, v. 13, n. 1, p. 105-122, 2017.

MEZIROW, Jack. Transformative learning: Theory to practice. **New Directions for Adult and Continuing Education**, v. 74, p. 5-12, 1997.

NGUYEN, Thao Thi Phuong.; PHILLIPS, Louise Gwenneth. Bringing storytelling pedagogy ideas together. *In*: PHILLIPS, Louise Gwenneth; NGUYEN, Thao Thi Phuong. (eds.). **Storytelling pedagogy in Australia & Asia.** Singapore: Palgrave Macmillan, 2021, p. 181-190.

PRETCEILLE, Martine Abdallah. La pédagogie interculturelle: entre multiculturalisme et universalisme. **L I N G VA R V M A R E N A**, v. 2, p. 91 – 101, 2011.

RIBEIRO, José da Silva; Rodrigues, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiografia: campo de experimentação em expansão. **Cinemas**, v. 2, p. 21-35, agosto 2023.

SANTOS REGO, Miguel Angelo; LORENZO MOLEDO, Mar; PRIEGUE CAAMAÑO, Diana. (Red)Conectando a los profesores para el desarrollo de la interculturalidad, **Educación XXI,** v. 16, n.1. p. 63-83, jan-dez 2013.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2024.
Recebido em: 24/09/2023 | Aceito em: 04/03/2024

SOUSA SANTOS, Boaventura. Construindo as epistemologias do Sul: Antologia essencial, Volume II, *In:* MENESES, Maria Paula. (ed.). **Para um pensamento alternativo de alternativas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação,** v. 39, n. 1 , p. 39-50, jan./abr. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.5902/1984644411344. Acesso em: 5 set. 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. Ampliación de la ponencia. **Memorias del Seminário Internacional "Diversidad, inteculturalidad y construcción de ciudad"** Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/24039704/Interculturalidad_cr%C3%ADtica_y_educaci%C3%B3n_intercultural. Acesso em: 5 set. 2023.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os que tornaram possível este artigo, em especial ao grupo de estudantes que participou neste projeto e que produziu as reflexões que formam o cerne desta análise.